

RECONCILIAÇÃO E COMUNHÃO

O primeiro versículo do capítulo 7, de fato, pertence à seção 6:14–18, pois ele conclui o raciocínio desse trecho. Paulo, evidentemente, escreveu suas cartas sem divisões em capítulos ou versículos. Os primeiros manuscritos do Novo Testamento contêm apenas algumas anotações que ajudam a definir a pontuação moderna. As divisões em capítulos e versículos são úteis por facilitarem a referência, porém, às vezes, elas interrompem a linha de raciocínio.

O Novo Testamento grego foi dividido em capítulos no século XIII. As divisões em versículos foram acrescentadas no século XVI. A Bíblia de Genebra, que antecedeu a King James em aproximadamente em cinquenta anos, foi a primeira tradução para o inglês a usar as divisões em capítulos e versículos que depois passaram a ser padrão. A explicação exata para a divisão entre os capítulos 6 e 7 é desconhecida.

A intenção dos eruditos que demarcaram as divisões em capítulos e versículos (e inseriram a pontuação e os parágrafos) foi ajudar os leitores a entender o que os escritores bíblicos queriam comunicar. Os editores do texto grego e de traduções inglesas aderiram a esse método visando ajudar os leitores e estudantes a compreender o texto bíblico. Como já foi dito, embora essas divisões facilitem a referência, muitas vezes, elas também influenciam a interpretação do texto. Retrospectivamente, a maioria dos estudantes da Bíblia acredita que essas divisões poderiam ser mais precisas, porém, não seria nada conveniente fazer alterações agora.

É evidente que 2 Coríntios 7:1 ficaria bem dentro do capítulo anterior. Segunda Coríntios 7:2, por sua vez, parece complementar perfeitamente 6:13, ao passo que a seção 6:14–7:1 é melhor entendida como uma digressão dentro da digressão maior

que compreende 2:14–7:4. Nesta seção maior, Paulo defendeu seu ministério. Na seção mais breve, ele exortou seus leitores a abandonarem os pecados comuns à vida mundana.

“TENDO,... TAIS PROMESSAS” (7:1)

¹Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.

Versículo 1. Esta declaração está intimamente relacionada aos trechos do Antigo Testamento citados em 6:16 e 17. O apóstolo ressaltou essa correlação colocando, no texto original em grego, “tais” (ταύτας, *tautas*) no início da frase. A exortação paulina misturava palavras amáveis e afetuosas com as exigências de uma vida santa apregoadas pelo evangelho: **Tendo, pois, ó amados, tais promessas, purifiquemo-nos.** Paulo declarou que as promessas de Deus ao Seu povo e a reivindicação do cristão a essas promessas são incompatíveis com a idolatria (6:16). A idolatria geralmente vinha acompanhada de imoralidade.

Os crentes coríntios eram “amados” por Paulo. Porque os amava, ele se recusou a ser condescendente com a atitude deles. Em vez de dar uma ordem direta, o apóstolo incluiu-se na exortação à purificação. “Purifiquemo-nos”, disse ele, e não toquemos nada que seja imundo.

Santidade ou santificação é o objetivo final da exortação de Paulo: essa purificação consiste em abandonar ou separar-se **de toda impureza, tanto da carne como do espírito, aperfeiçoando a nossa santidade no temor de Deus.** Praticar idolatria não só desonrava a Deus, mas também contami-

nava “a carne e o espírito”. C. K. Barrett destacou que, nesta epístola, Paulo usou as palavras “carne” e “espírito” “de uma forma popular e livre”. A observação adicional, em 7:5, de que “nenhum alívio tivemos” parece significar algo mais intenso do que “não tive... tranquilidade no meu espírito”, em 2:13¹. Para os cristãos, livrar-se de “toda impureza, tanto da carne como do espírito” é parar de fazer concessões ao pecado.

“O temor de Deus” significa o reconhecimento de que Ele é o soberano Senhor e Juiz. Temor a Deus é ver nEle a inspiração para ser santo. Deus é nosso Amigo e Salvador. Ele é nosso Pai, porém, também devemos nos lembrar de que uma distância considerável nos separa dEle. O devido temor a Deus é um fator determinante para se ter a vida santa que Deus planejou para os Seus filhos. “Temor”, neste caso, não é um pavor terrível; é uma reverência santa, um senso de dependência e pequenez diante dAquele que inspira arrependimento.

UM PEDIDO DE UM BOM MESTRE (7:2–4)

O versículo 2 do capítulo 7 se alinha com o raciocínio proposto em 6:13, que diz: “Ora, como justa retribuição (falo-vos como a filhos), dilatai-vos também vós”. Sem, aparentemente, interromper esse raciocínio, 7:2 continua: “Acolhei-nos em vosso coração”. O apóstolo tinha costume de mudar repentinamente de assunto, mas era incomum ele retomar tão rapidamente um raciocínio. Ainda assim, nada no texto configura uma evidência de que 6:14 a 7:1 fosse um documento à parte, inserido artificialmente na carta. Paulo estava exortando os cristãos coríntios a reavaliarem as duras críticas de seus oponentes.

Paulo queria que os irmãos de Corinto olhassem para dentro de si mesmos e dessem ao seu mestre o benefício da dúvida. Ele queria que percebessem seu amor e sua estima por eles e que retribuíssem esse amor e estima. Até os coríntios que acreditavam que o apóstolo havia cometido alguns erros poderiam agir com misericórdia. O apóstolo estava colocando em prática o ensino de Jesus. O Senhor havia reforçado a importância da reconciliação entre irmãos (veja Mateus 5:23, 24) e Paulo queria se reconciliar com os cristãos de Corinto.

¹ C. K. Barrett, *The Second Epistle to the Corinthians*, Harper’s New Testament Commentaries. Nova York: Harper & Row, 1973, p. 202.

A necessidade de misericórdia se expressa num tom cômico em certo epitáfio de um cemitério paroquial na Inglaterra, porém as implicações do pensamento proposto certamente não são engraçadas. O pedido transcrito na lápide sugere que Deus estenda a mesma graça e perdão que Jesus ensinou Seus seguidores a praticar. Eis os dizeres desse epitáfio:

Aqui jazo eu, Martin Elginbrodde:
“Tende misericórdia de minh’ alma, Senhor Deus;
Como teria eu, se eu fosse o Senhor,
E vós, Martin Elginbrodde”.²

A noção de que um homem pode se pôr no lugar de Deus e barganhar por perdão é absurda, mas vale a pena lembrar que Deus espera que Seus filhos concedam misericórdia assim como Ele concede misericórdia. Os cristãos de Corinto deveriam se espelhar em Deus, mostrando misericórdia assim como lhes foi concedida misericórdia. Jesus ensinou Seus seguidores a pedirem perdão assim como eles tinham perdoado seus semelhantes: “e perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mateus 6:12). Paulo estava rogando a seus leitores que lhe abrissem o coração. Deus mostrou imensa misericórdia ao enviar o Seu Filho, e o apóstolo exortou os coríntios a se lembrarem do tipo de pessoa que o misericordioso Deus queria que eles fossem.

²Acolhei-nos em vosso coração; a ninguém tratamos com injustiça, a ninguém corrompemos, a ninguém exploramos. ³Não falo para vos condenar; porque já vos tenho dito que estais em nosso coração para, juntos, morreremos e vivermos. ⁴Mui grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio por vossa causa; sinto-me grandemente confortado e transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação.

Versículo 2. Depois de fazer uma digressão, em 6:14–7:1, expondo a idolatria e a imoralidade que estavam contaminando a igreja em Corinto, o apóstolo retomou o assunto do seu ministério entre os coríntios. Fez pedidos e expôs seus motivos. **Acolhei-nos em vosso coração**, rogou. Anteriormente, Paulo escrevera: “...abrem-se os nossos lábios” (6:11) e falara de reciprocidade: “...como

² George MacDonald, *David Elginbrod*. Londres: Hurst and Blackett, 1871, p. 63.

justa retribuição... dilatai-vos também vós" (6:13). Paulo amava os coríntios, mas a comunhão cristã entre ambos decorria de terem recebido o evangelho que ele pregava. A necessidade de reatar os laços de afeto com Paulo não era simplesmente uma questão de preferência por este ou aquele pregador.

O apóstolo não queria criar uma rede pessoal de seguidores nem se enriquecer. Ele afirmou: **a ninguém exploramos**. A acusação de ter usado sua posição para tirar vantagem pessoal dos coríntios, ou de que planejava fazê-lo no futuro, foi especialmente ofensiva para o apóstolo (veja 12:16).

O verbo traduzido por "explorar [alguém]" (πλεονεκτέω, *pleonekteō*) só ocorre cinco vezes no Novo Testamento. Todas as ocorrências estão nas epístolas de Paulo, e quatro delas, em 2 Coríntios. Em 1 Tessalonicenses 4:6, a RA o traduz por "defraudar", porém fraude ou dolo financeiro não era um dos assuntos da epístola³. Anteriormente na carta, Paulo instou os crentes a não permitirem que Satanás se aproveitasse ou tirasse vantagem deles (2:11). Nas duas outras ocorrências (12:17, 18), o verbo se refere a explorar ou tirar vantagem da igreja visando a lucro financeiro. Paulo declarou que nem ele nem Tito se aproveitaram dos cristãos de Corinto. Em 7:2, Paulo, sem dúvida, quis dizer que ele não explorou a igreja a fim de se enriquecer.

Quando Paulo rogou aos irmãos coríntios que os "acolhessem" em seus corações a fim de se reconciliarem com Deus por meio de Jesus Cristo, ele estava declarando o que eles já sabiam que era a verdade. **A ninguém tratamos com injustiça**, disse ele. Os oponentes do apóstolo jamais poderiam acusá-lo disso. **A ninguém corrompemos**, acrescentou. Ele nunca enganou ninguém em nada, nem desejou o que era deles. Possivelmente, Paulo estava fazendo uma alusão específica à sua visita "em tristeza", mencionada em 2:1. Quaisquer que fossem as acusações contra sua pessoa, Paulo lembrou os coríntios da conduta correta que ele teve entre eles e de sua eterna afeição por eles. Paulo era um bom professor cuja mensagem não consistia em discursos sem envolvimento emocional. Ensinar sobre Cristo é diferente de ensinar uma matéria escolar, como matemática. Paulo vivia aquilo

que ensinava e amava seus alunos. No processo de ensino e no convívio diário, ele desenvolveu uma forte afeição pelos coríntios.

Versículo 3. Às vezes, é preciso dizer coisas difíceis, ainda que gere desconforto. Paulo não quis criticar os coríntios. Ele havia falado firmemente com eles a fim de corrigir atitudes extremistas na congregação. E suas palavras não tinham o propósito de ofender nem condenar ninguém – nem mesmo seus inimigos que se diziam convertidos a Cristo. Ele praticamente se desculpou, ao explicar: **Não falo para vos condenar**.

A esta altura da carta, parecia apropriado Paulo substituir o plural "nós" pelo singular "eu". Por vezes, ele havia confirmado seu afeto pelos irmãos de Corinto. Sua vida estava ligada aos membros daquela igreja com quem ele compartilhou o chamado de Cristo. Eles mesmos testemunharam a disposição do apóstolo de dar a própria vida por eles e pelo evangelho. **Porque já vos tenho dito que estais em nosso coração para, juntos, morrer-mos e vivermos**, confessou o apóstolo.

O que essas palavras significam? Talvez o "morrer junto" com os coríntios se refira ao fato de que, em Cristo, todos estavam mortos para o pecado. Outra possibilidade é que o amor de ambas as partes era tal que estavam dispostos a dar a vida uns pelos outros. O apóstolo estava pronto para morrer; mas, se fosse a vontade de Deus, ele queria continuar vivendo para a igreja em Corinto. Às vezes, Deus chama Seus filhos para viverem juntos, e não para morrerem juntos. Em algumas circunstâncias, viver para o próximo exige mais coragem do que morrer por ele. Colin G. Kruse escreveu o seguinte:

Quando Paulo diz que os coríntios estão em seu coração *para, juntos, morrerem e viverem*, ele está reconhecendo o fato de que ser cristão é se expor a sofrimento e possível morte, porém, fazer isto também é experimentar a renovação e manifestação diária da vida de Cristo.⁴

Quando Jesus criou a igreja, Ele edificou uma comunidade, um corpo de pessoas. Os cristãos precisam entender que suas vidas estão interligadas. Devemos cuidar uns dos outros, louvar e encorajar, sempre que possível, e promover correção e repreensão, quando necessário. Como disse

³ Nesse contexto, Paulo estava ordenando que nenhum cristão explorasse ou tirasse vantagem de um irmão, tomando-lhe a esposa.

⁴ Colin G. Kruse, *The Second Epistle of Paul to the Corinthians*, Tyndale New Testament Commentaries. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1987, p. 142.

James W. Thompson, Paulo lembrou seus leitores, várias vezes, de que não era recente o seu amor por eles⁵. O sentimento do apóstolo não foi usado como um instrumento para manipulá-los. Sendo coerente com o amor e a devoção que demonstrou enquanto esteve em Corinto, Paulo nutriu, na ausência, o mais caloroso afeto pela igreja. Thompson acrescentou:

A comunicação oral de Paulo com suas igrejas consiste na instrução catequética [oral] para a vida cristã, na repetição de sua pregação original e em instruções sobre as implicações de sua instrução anterior sobre vida e fé cristãs.⁶

Versículo 4. Os métodos psicológicos modernos de resolução de conflitos ensinam o indivíduo a dizer as devidas palavras para atingir o objetivo almejado. Os adeptos do cinismo veem nisto técnicas manipuladoras, em contraste com a autenticidade de quem é movido por convicção. As palavras de Paulo não tinham a intenção de manipular os irmãos de Corinto. Ele falou com o coração. Apesar de toda a turbulência entre Paulo e os coríntios, ele sabia que eles eram genuinamente bondosos. Compartilhou com eles as promessas de Cristo. **Mui grande é a minha franqueza para convosco, e muito me glorio por vossa causa.**

Paulo e a igreja em Corinto eram parceiros na jornada cristã. A fonte de consolação e encorajamento para o apóstolo continuar a servir aos coríntios era a certeza dessa comunhão. Diante das tribulações que enfrentou, sua alegria vinha da confiança de que os coríntios haviam conhecido o Senhor. **Sinto-me grandemente confortado**, disse ele, **e transbordante de júbilo em toda a nossa tribulação**. O apóstolo recorreu, pela última vez, ao plural: “a nossa tribulação”.

Entre as grandes contribuições de Paulo ao pensamento cristão está a justaposição da alegria e do sofrimento. O trajeto rumo às bênçãos em Cristo contém dificuldades. O caminho cristão é o caminho da força na fraqueza (12:10).

OS RESULTADOS DA TRISTEZA SEGUNDO DEUS (7:5–16)

A segunda carta de Paulo aos coríntios tinha começado com uma descrição sincera e pessoal dos

contratempos recentes que acometeram o apóstolo. Ele havia descrito a espera em Trôade pela chegada de Tito, a frustração por não encontrar esse amigo e a subsequente viagem a partes da Macedônia. Em Trôade, o apóstolo disse: “...uma porta se me abriu no Senhor” (2:12). Paulo não tinha o hábito de migrar para outro local quando o Senhor lhe abria portas onde ele estava; no entanto, tamanha foi sua inquietação, que ele decidiu sair de Trôade. Provavelmente, embarcou para Neápolis, como já fizera antes (Atos 16:11).

Depois de uma única menção de Tito e das dificuldades em Trôade, o apóstolo adotou uma linha de pensamento diferente. De 2:14 a 7:4, ele fala menos da tribulação pessoal e mais de seu ministério em Corinto. A mudança em 2:14 é perceptível, mas talvez não seja tão súbita como sugere uma primeira leitura. Houve oposição a Paulo em Corinto. O contraste que o apóstolo traçou entre a nova e a antiga aliança (3:6, 14) indica que cristãos judeus estavam tentando persuadir cristãos gentios a se submeterem à lei mosaica para serem salvos (veja Atos 15:1). Visando contrariar a mensagem de Paulo, empenharam-se em fazer cair em descrédito o ministério do apóstolo. De 2:14 a 7:4, o apóstolo estava defendendo seu ministério e sua pessoa⁷. Ele reafirmou que seu ministério procedia de Deus por intermédio de Cristo. Chegou-lhe por meio de revelação. Resultou em reconciliação com Deus. Os próprios coríntios puderam testemunhar a conduta exemplar de Paulo entre eles. Aqueles irmãos viram o poder de Deus em ação. Não deveriam jamais se pôr sob o jugo de Moisés; não deveriam cobrir o rosto com o véu da ignorância (3:14–18).

Depois de defender a si mesmo e a seu ministério em Corinto, em 7:5–16, Paulo retomou a situação narrada antes. No fim deste capítulo, leremos sobre a chegada de Tito e o relatório que esse companheiro entregou a Paulo a respeito da igreja em Corinto. Ditar uma carta da extensão de 2 Coríntios a um escriba deve ter sido uma tarefa longa e árdua. É possível que o apóstolo e seu escriba tenham feito uma pausa de até alguns dias, assim que chegaram a 7:4. Em 2:13, evidentemente Tito ainda não estava com Paulo. Pode ter sido a chegada de Tito que estimulou o apóstolo a voltar a escrever em 7:5. A menção de “o que fez o mal”

⁵James W. Thompson, *Preaching Like Paul: Homiletical Wisdom for Today*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2001, p. 32.

⁶Ibid.

⁷Na defesa de seu ministério, Paulo fez uma rápida digressão somente em 6:14–7:1.

em 7:12 (compare com 2:5–8) sugere que algo aconteceu para exigir uma menção adicional do assunto. Em geral, a mensagem que Tito trouxe ofereceu grande conforto ao apóstolo. Tito havia sido revigorado pelos coríntios e, por sua vez, renovou a afeição de Paulo pela igreja.

⁵Porque, chegando nós à Macedônia, nenhum alívio tivemos; pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro. ⁶Porém Deus, que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito; ⁷e não somente com a sua chegada, mas também pelo conforto que recebeu de vós, referindo-nos a vossa saudade, o vosso pranto, o vosso zelo por mim, aumentando, assim, meu regozijo. ⁸Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo), ⁹agora, me alegre não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis. ¹⁰Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte. ¹¹Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados! Que defesa, que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita! Em tudo destes prova de estardes inocentes neste assunto. ¹²Portanto, embora vos tenha escrito, não foi por causa do que fez o mal, nem por causa do que sofreu o agravo, mas para que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós, diante de Deus. ¹³Foi por isso que nos sentimos confortados. E, acima desta nossa consolação, muito mais nos alegamos pelo contentamento de Tito, cujo espírito foi recreado por todos vós. ¹⁴Porque, se nalguma coisa me gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado; pelo contrário, como, em tudo, vos falamos com verdade, também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira. ¹⁵E o seu entranhável afeto cresce mais e mais para convosco, lembrando-se da obediência de todos vós, de como o recebestes com temor e tremor. ¹⁶Alegro-me porque, em tudo, posso confiar em vós.

Versículo 5. Em 2:12 e 13, Paulo fez alusão a ter partido de Trôade, no oeste da Ásia Menor, rumo à Macedônia. Após um intervalo, em 7:5, ele voltou

a descrever, finalmente, sua trajetória e algumas dificuldades que enfrentou. O apóstolo não mencionou a qual cidade específica da Macedônia ele foi. Esta grande província no norte da Grécia se estendia desde o mar Egeu, a leste, até o mar Adriático, a oeste. É provável que Paulo tenha visitado uma das igrejas que ele, Silas e Timóteo haviam estabelecido tempos atrás. Considerando seu intento de coletar ofertas para socorrer os irmãos pobres da Judeia, ele pode ter ido a Filipos e Tessalônica. A carta aos Filipenses deixa claro que Paulo tinha uma boa relação com aquela igreja. Além disso, aportando em Neápolis, seria curta a distância a pé até Filipos.

Paulo pode ter escrito 2 Coríntios de Filipos, embora Tessalônica também seja uma possibilidade; esta era uma cidade maior e sede do governo romano na Macedônia. Ele talvez esperasse conseguir uma quantia maior de ofertas em Tessalônica, que era mais cosmopolita, do que em Filipos. Essa coleta, no entanto, era apenas uma das preocupações do apóstolo. Chegando à Macedônia, parece que ele encontrou igrejas sendo pressionadas por incrédulos. Na hipótese de estar ele em Tessalônica quando escreveu 2 Coríntios, os conflitos podem ter surgido por conta de sua permanência na cidade, uns cinco anos antes (Atos 17:5, 6). **Porque, chegando nós à Macedônia,** escreveu Paulo, **nenhum alívio tivemos.** E acrescentou: **pelo contrário, em tudo fomos atribulados: lutas por fora, temores por dentro.**

O apóstolo também foi vítima das pressões contra os cristãos. Um segmento da sociedade – provavelmente a liderança da comunidade judaica em Tessalônica – liderou a oposição a ele. Apesar de ansiar por descanso e paz, após uma temporada difícil e perigosa na Ásia, o que ele encontrou foi mais tumulto. Do lado de fora havia ameaças de danos físicos, e do lado de dentro havia a preocupação com a fé e o bem-estar espiritual de todos os seus filhos na fé. Por isso, escreveu Paulo, “nenhum alívio tivemos”.

Versículo 6. O apóstolo começou a carta aclamando o Deus que lhe concedeu consolação e encorajamento (1:3, 4). Em 7:6, ele retomou esse tema, posicionando (no texto original) a palavra grega equivalente a “Deus” próxima ao fim da frase para efeito de ênfase. Paulo não foi o primeiro nem o último de uma longa fila de pessoas a serem encorajadas por Deus. O profeta Isaías iniciou sua mensagem a Israel em cativeiro com estas palavras:

“Consolai, consolai o Meu povo, diz o vosso Deus” (Isaías 40:1). É característico de Deus consolar os humilhados.

Embora Tito não tivesse conseguido se juntar a Paulo em Trôade, eles se encontraram na Macedônia, talvez na cidade de Filipos ou Tessalônica. Parece que Filipe chegou a Trôade, porém somente depois de Paulo já ter partido. O apóstolo pode ter deixado um recado com amigos para que Tito soubesse onde encontrá-lo. Quando as adversidades quase levaram Paulo ao desespero, Deus o encorajou com a chegada de Tito. **Porém Deus, que conforta os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito**, escreveu ele. O relato de Tito sobre a fé, a coragem e o apoio pessoal que os coríntios lhe ofereceram revigorou Paulo em meio aos conflitos e temores que o acompanharam na viagem de Trôade à Macedônia.

Certas palavras em 7:6 se destacam. Primeiramente, a palavra traduzida por “os abatidos” é τοὺς ταπεινούς (*tous tapeinous*). O termo *tapeinous* ocorre oito vezes no Novo Testamento e seu significado básico é “humilde” ou “pobre”. Jesus descreveu a si mesmo como “humilde de coração” (Mateus 11:29). Tiago opôs “o irmão de condição humilde” ao “rico” (1:9, 10). Tanto Tiago (4:6) como Pedro (1 Pedro 5:5) citaram Provérbios 3:34 com aprovação: Deus “dá graça aos humildes”. “Humilde” na Bíblia é quase sinônimo de “justo”. O humilde, neste caso alguém num estado de espírito perturbado, às vezes, é a esfera na qual Deus opera.

Outra palavra em 7:6 (também em 7:7) digna de nota é “a chegada” (τῇ παρουσίᾳ, *tē parousia*), em referência à chegada de Tito. No Novo Testamento, *parousia* é uma designação técnica para a “vinda do Senhor” no fim dos tempos. (Veja, por exemplo, 1 Coríntios 15:23; 1 Tessalonicenses 4:15.) No entanto, esse vocábulo é usado comumente no Novo Testamento (vinte e quatro vezes) para o aparecimento de qualquer coisa.

Sabemos que Tito era um gentio que trabalhou com Paulo desde os primeiros dias de seu ministério (Gálatas 2:3). Tito havia ido a Jerusalém com o apóstolo. As breves observações de Paulo em Gálatas estão abertas à interpretação. Ou ninguém levantou a questão da circuncisão de Tito, ou Paulo se recusou a atender aos cristãos judeus que exigiram que ele fosse circuncidado. Anos se passaram e, agora, Tito estava servindo como enviado de Paulo a Corinto. Depois de 2 Coríntios, ele desaparece

do registro sagrado até servir na ilha de Creta (Tito 1:4). Ele estava trabalhando lá quando Paulo lhe escreveu a carta que leva o seu nome. A última menção de Tito no Novo Testamento, em ordem cronológica, se faz em 2 Timóteo 4:10.

Versículo 7. A frase **não somente com a sua chegada** indica que, embora encontrar Tito e saber que ele estava bem tenha alegrado e aliviado o apóstolo, as notícias por ele relatadas foram ainda mais animadoras. Além da “sua chegada”, o apóstolo ficou exultante com **o conforto que recebeu** dos coríntios. Não sabemos por quanto tempo Tito ficou em Corinto. É possível que ele estivesse com Paulo durante sua triste visita. Nesse caso, ele pode ter prolongado sua estada a fim de concluir o trabalho de Paulo. Outra possibilidade é que Tito tenha sido o portador da carta escrita em lágrimas para os coríntios, ou ele pode ter chegado algum tempo depois dessa carta escrita num tom tão severo.

O fator crucial no relatório de Tito a Paulo foram as boas notícias sobre a igreja em Corinto. A carta anterior de Paulo causou dor, mas promoveu o arrependimento da parte de alguns irmãos. Sem dúvida, o pulso firme de Tito contribuiu para esse arrependimento. Foi um grande consolo para o apóstolo saber que sua carta escrita em lágrimas serviu como fonte de renovação para a igreja. Além disso, muitos renovaram a confiança nele e na sua autoridade apostólica. Ele fez questão de citar a menção de Tito sobre a **saudade**, o **pranto**, o **zelo** que tinham por ele, **aumentando assim o regozijo** do pregador e mestre. Paul Barnett comentou:

É significativo que a reação dos coríntios a Paulo em relação a esse assunto esteja inextricavelmente vinculada ao relacionamento deles com Deus e à salvação. Rejeitar a autoridade de Paulo nesse assunto equivaleria, em última análise, a rejeitar a própria salvação.⁸

Paulo trabalhara arduamente visando edificar uma comunidade de cristãos em Corinto – e não visando convencer todos com seu discurso ou cumprir um planejamento pessoal. O apóstolo atribuiu tudo o que aconteceu a Deus. Foi Deus também quem lhe proveu consolação na hora da necessidade.

⁸ Paul Barnett, *The Second Epistle to the Corinthians*, The New International Commentary on the New Testament. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1997, p. 372.

Versículo 8. Na triste visita de Paulo a Corinto (2:1), a viagem que não consta em Atos, parece ter ocorrido uma confrontação do apóstolo com certo membro da igreja. Essa parece ser a melhor maneira de explicar as referências a “o que fez o mal” em 2:5-8 e 7:12. Na carta escrita em lágrimas após a triste visita, o apóstolo expressou-se com demasiada franqueza. Paulo estava pessoalmente envolvido com seu ministério; ele não via sucessos e fracassos como meras casualidades em seu ministério. É lamentável ter de comunicar algo que, presumivelmente, resultará no ressentimento e resistência de pessoas amadas. Mesmo assim, Paulo não hesitou em fazer ou comunicar o que era necessário. Independentemente do que foi dito nessa carta severa, o apóstolo estava convencido de que a dor que ele causou foi uma necessidade em prol da cura. Paulo não se desculpou por ter falado francamente.

O verbo μεταμέλομαι (*metamelomai*), traduzido na RA (e na maioria das outras traduções) por “arrepender-se” em 7:8a, não está relacionado com a conhecida palavra para “arrependimento” (μετάνοια, *metanoia*), encontrada no versículo seguinte e usada comumente no Novo Testamento. **Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta**, escreveu ele, **não me arrependo**. Depois de enviar a carta, o apóstolo aparentemente mudou de ideia. Talvez ele tenha sido muito duro. Quase como uma reflexão tardia, ele confessou, **embora já me tenha arrependido**. Paulo duvidou de si mesmo. Talvez o apóstolo pudesse ter escrito outras palavras aos coríntios que teriam causado menos tristeza e realizado melhor seus propósitos. É evidente pelas palavras de Paulo que questionar nossas ações pode ser um exercício paralisante de futilidade. O apóstolo recorreu a ela apenas brevemente.

Com a vinda de Tito, Paulo percebeu o impacto de sua carta. Embora tenha causado dor, essa dor foi momentânea. Mais importante do que o desconforto temporário foi o efeito duradouro do arrependimento. Se Paulo tivesse ignorado a situação e evitado a dolorosa correção, as coisas teriam piorado. Auto do apóstolo – dúvida também foi momentânea; o encorajamento de Tito o ergueu da dúvida e do desespero. **Vejo que aquela carta vos contristou**, escreveu ele, **por breve tempo**⁹. A

⁹ Barrett julgou que o uso da primeira pessoa no singular βλέπω (*blepō*, “vejo”) em 7:8 torna a frase de Paulo “gramati-

resposta dos coríntios à carta de Paulo, conforme relatada por Tito, deu-lhe coragem e determinação para continuar a obra que Deus havia lhe confiado.

Versículo 9. Paulo ficou satisfeito com a reação favorável dos coríntios à sua carta. Eles ponderaram seus pecados e essa avaliação resultou em pesar e arrependimento. O apóstolo pôde escrever: **agora me alegre**, porém, essa alegria nada tinha a ver com o poder que ele exercia sobre os irmãos coríntios. A alegria que o apóstolo sentia não decorria de tê-los entristecido, mas de tê-los levado a desistir de se rebelarem contra Deus. Os coríntios haviam sido **contristados para arrependimento**. Contristados, eles se arrependeram de uma forma que agradou ao Senhor.

O chamado ao “arrependimento” (*metanoia*) é a primeira exigência da fé. Assim como a fé, o arrependimento envolve o estilo de vida aderido pelo cristão. Os chamados a uma fé mais profunda e à contínua renovação nunca cessam; o arrependimento faz parte da vida cotidiana do cristão. A avaliação de R. C. H. Lenski sobre a palavra “arrependimento” reflete a concepção bíblica: “...esta palavra”, escreveu ele, “expressa a mudança interior vital operada pela lei em conjunto com o evangelho quando o coração converte do pecado e da culpa para Deus e seu perdão em Cristo Jesus”¹⁰. O arrependimento não é uma ação que se faz uma única vez e depois se esquece. Quando João Batista pregou aos judeus, na Judeia e na Galileia, ele apontou para o povo ouviu seu chamado ao arrependimento. O batismo de João era de “arrependimento para remissão dos pecados” (Lucas 3:3). João exortou seus ouvintes a “produzir frutos dignos de arrependimento” (3:8). Aos muitos que indagaram no Pentecostes: “Que faremos, irmãos?”, Pedro respondeu: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados” (Atos 2:37, 38).

Paulo se alegrou não porque os coríntios adotaram um conceito abstrato de arrependimento, mas porque o arrependimento deles resultou numa mudança de vida. As palavras do apóstolo **contristaram** os coríntios com a tristeza **segundo Deus**.

calmente intolerável”. Ele sugeriu que seria mais inteligível se a palavra fosse modificada para βλέπων (*blepōn*, “vendo”), um particípio. (Barrett, p. 210.) Há um raso apoio textual para o particípio. A RA usa parênteses para traduzir à parte essa frase gramaticalmente estranha.

¹⁰ R. C. H. Lenski, *The Interpretation of St. Paul's First and Second Epistles to the Corinthians*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1937, p. 1108.

Eles demonstraram arrependimento na maneira como se comportaram. Disciplinaram o irmão que se opôs a Paulo (2:6, 7). Por meio de Tito, confirmaram que, de fato, criam na mensagem que Paulo lhes havia pregado. Por causa disso, Paulo disse que, **da parte** do apóstolo, eles **não sofreriam nenhum dano**. Não perderiam seus lugares no reino de Deus, o relacionamento com Cristo, a esperança eterna, ou a comunhão com o apóstolo.

Versículo 10. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento... que a ninguém traz pesar. O arrependimento segundo Deus muda a vida do pecador para melhor. Nem neste mundo nem no vindouro, haverá pesar por um indivíduo ser mais piedoso. A tristeza do mundo não oferece perdão. A tristeza fundamentada na culpa sufoca a alegria. Sem mudança de vida e sem o conhecimento de um Salvador que carregue o peso do pecado, a tristeza segundo o mundo resulta em depressão e desespero. O resultado da tristeza segundo o mundo é a morte. Significa separação de Deus. Wayne Grudem comentou:

É importante perceber que a mera tristeza, ou até o profundo remorso, pelos atos cometidos não constitui arrependimento autêntico, a menos que seja acompanhada por uma decisão sincera de abandonar o pecado cometido contra Deus... A tristeza segundo o mundo pode envolver grande pesar pelos atos e provavelmente medo da punição também, sem, porém, nenhuma renúncia autêntica ao pecado ou sem o compromisso de abandoná-lo nesta vida.¹¹

As respostas de Judas, após trair Jesus, e de Pedro, após negar a Jesus, ilustram a diferença entre o arrependimento segundo a vontade de Deus e o desespero por causa das consequências do pecado. Judas, “tocado de remorso [um partícipio aoristo de *metamelomai*], devolveu as trinta moedas de prata” (Mateus 27:3). O remorso é tão-somente o pesar pelo resultado inesperado. A reação de Pedro ao perceber a imensidão de seu pecado foi diferente da reação de Judas. Quando Pedro ouviu o galo cantar, as Escrituras dizem: “...saindo dali, chorou amargamente” (Mateus 26:75). O arrependimento de Pedro incluiu a iniciativa de voltar para o Senhor e implorar por perdão.

A tristeza segundo Deus produz mudanças duradouras no comportamento. É inspirada por

uma fé crescente no Salvador e um amor progressivo por Ele. O outro tipo de “arrependimento”, mais semelhante ao remorso, resulta em recaída nas sendas do pecado. O pecado traz remorso, mas o arrependimento segundo Deus promove uma mudança de vida. Comentando 2 Coríntios 7:8–10, Everett Ferguson escreveu:

O contexto não é o arrependimento que ocorre na conversão, mas o arrependimento daqueles que já são cristãos. A passagem diz respeito à conduta destes, porém, presumivelmente, os mesmos significados e princípios aqui observados aplicam-se à conversão. Existe uma diferença entre “sentir pesar” (*metamelomai*) e “entristecer-se ou ser contristado” (*lupeo*) [*λυπέω*]. Remorso é uma palavra mais fraca para uma mudança de atitude, quando o indivíduo gostaria de não ter cometido o ato. Tristeza é um termo mais profundo e sugere angústia, sofrimento, dor interior. Ela move o indivíduo a fazer algo em relação ao erro cometido¹².

Quando perguntaram a João Batista o que deveriam fazer, o mensageiro do Senhor pregou o arrependimento em forma de mudança de comportamento. Quem possuísse duas túnicas, disse ele, deveria dar uma a quem não possuísse nenhuma (Lucas 3:10–14). Assim como João Batista, Paulo pregou o arrependimento, orientando as pessoas a mudarem a maneira como se comportavam. Posicionando o verbo “produzir” no fim de cada frase do texto grego, Paulo enfatizou o conceito. Enquanto o arrependimento de coração resulta em mudança de comportamento e leva à **salvação, a tristeza do mundo produz morte**. É inerente ao arrependimento buscar o Senhor e abandonar o pecado.

Versículo 11. Paulo continuou a reconstruir pontes com base na resposta dos coríntios à sua carta angustiada (2:4). Ele fez duas observações. Em primeiro lugar, o arrependimento foi uma palavra importante, um conceito-chave na maneira como os cristãos de Corinto receberam a carta do apóstolo. O apóstolo temia que eles não recebessem bem a carta. Até este ponto, o apóstolo abordou o arrependimento dos coríntios em seu aspecto abstrato.

Os coríntios ficaram contristados e isto os levou ao arrependimento. O arrependimento, quando bem entendido, resulta em perdão dos pecados e salvação. Enquanto conceito, o arrependimento constitui a base da conduta cristã; mas, em 7:11,

¹¹ Wayne Grudem, *Systematic Theology: An Introduction to Biblical Doctrine*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1994, p. 713.

¹² Everett Ferguson, *The Church of Christ: A Biblical Ecclesiology for Today*. Grand Rapids, Mich.: Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 1996, p. 176.

Paulo expôs o arrependimento dos coríntios na atitude que concretizaram: **Porque quanto cuidado não produziu isto mesmo em vós que, segundo Deus, fostes contristados!** A “tristeza segundo Deus” resultou na **defesa** de si mesmos e na demonstração de amor e “cuidado” para com Paulo. Ele exclamou: **que indignação, que temor, que saudades, que zelo, que vindita!**

A segunda observação está oculta no fim de 7:11: um **assunto** no qual os coríntios haviam dado prova de serem **inocentes** obrigou o apóstolo a tecer esse comentário. Do que o apóstolo estava falando? Que fato convocou os coríntios a se mostrarem “inocentes”? O que quer que fosse, devia ser algo específico e relevante tanto para Paulo como para os coríntios. O versículo seguinte lança mais luzes sobre essa obscuridade. A inocência dos coríntios concernia à confrontação com o irmão mencionado em 2:6. A maneira como a igreja coríntia inicialmente lidou com o homem que atacou Paulo gerou tensão entre o apóstolo e a igreja. O arrependimento da parte desses cristãos resultou do reconhecimento de que haviam cometido uma injustiça contra Paulo. Eles disciplinaram devidamente o homem que resistira a Paulo; e nesse processo, **em tudo** deram **prova** de estarem **inocentes**.

Alguns comentaristas sugerem que é difícil entender as declarações em 7:6–16 se considerarmos que esta passagem faz parte da mesma carta que inclui os capítulos 10 a 13. Enquanto os capítulos 10 a 13 contêm acusações incisivas contra a igreja em Corinto, a sessão 7:6–16 tem um caráter conciliatório. Essa diferença levou alguns a argumentar que Paulo compôs a última parte de 2 Coríntios como uma carta separada. Segundo essa corrente, acidentalmente ou talvez por uma junção intencional, os capítulos 1 a 9 e 10 a 13 foram compilados numa única carta. Os argumentos são complexos e interessantes, porém, conforme já defendemos, é melhor e mais sensato considerar 2 Coríntios como um único documento. O renovado vigor de Paulo em atacar seus oponentes nos capítulos 10 a 13 é melhor explicado pela existência de facções na igreja. Em 7:6–16, o apóstolo se dirigiu àqueles que ficaram do lado dele. E nos capítulos 10 a 13, ele se dirigiu aos seus oponentes, falsos apóstolos que tinham ido até Corinto e obtido apoio dentro da igreja. Paulo atingiu os dois objetivos numa única carta.

A severa carta de Paulo suscitou em alguns irmãos coríntios o desejo de restabelecerem as boas

relações com o apóstolo. Os apoiadores do apóstolo se indignaram com o homem que confrontou e se opôs a Paulo quando este visitou Corinto rapidamente, ao partir de Éfeso (veja 2:1). Deixar de se associar com esse homem era o “assunto em que os coríntios deram prova de estarem inocentes”. Em grande medida, fora ele o responsável pela turbulência entre a igreja em Corinto e Paulo. Mais do que romper o relacionamento com Paulo, a porção fiel da igreja temia perder o relacionamento com Deus. A resposta de Paulo a qualquer injustiça contra ele cometida era perdoar graciosamente, tal como exortara os irmãos a perdoar o irmão ofensor (2:6, 7).

Paulo não queria causar mais sofrimento à igreja. Assegurou-lhes que a sinceridade deles no assunto o alegrou. Estava confiante de que agiram dignamente. O relato de Tito elevou o espírito de Paulo e reaqueceu seu relacionamento com a igreja. Nesta seção, 7:6–16, o apóstolo estava se reportando a uma facção diferente dentro da igreja, composta pelos que o apoiavam, como veremos quando compararmos este trecho com os capítulos 10 a 13.

Versículo 12. Entre outras coisas, o propósito da carta anterior de Paulo (“escrita em lágrimas”) foi despertar na igreja de Corinto a conscientização do vínculo que havia entre eles. Por isso, o uso do pronome na segunda pessoa do plural no fim de 7:12 é inesperado: para **que a vossa solicitude a nosso favor fosse manifesta entre vós**. Era de se esperar que a última frase fosse “...fosse manifesta entre nós”. Mas o apóstolo queria que os coríntios entendessem o que ele já sabia. Embora enfrentando tribulações pessoais, Paulo pôde demonstrar um grande amor pela igreja coríntia. Em contraste com as acusações que sofreu e as confrontações com seus oponentes, ele manteve um profundo vínculo de amor que o conectou com a igreja. Esse sentimento se assemelha ao que foi expresso anteriormente: “E foi por isso também que vos escrevi, para ter prova de que, em tudo, sois obedientes” (2:9). Na resposta da igreja ao irmão que “fez o mal”, o cuidado da igreja com Paulo foi manifesto entre eles. De sua parte, o apóstolo sempre esteve ciente da sinceridade dos irmãos para com ele. Às vezes, as dificuldades cooperaram para descobrirmos o que é mais importante para nós. A carta escrita em lágrimas ajudara os coríntios a perceberem quanto afeto tinham pelo apóstolo e como necessitavam de sua liderança.

Quaisquer que tenham sido as consequências favoráveis daquela carta, Paulo não a escrevera **por causa do que fez o mal, nem por causa do que sofreu o agravo**. Ele não tinha interesse em punir aquele que errou nem em se justificar. Escrevera visando à cura da igreja, uma cura na qual ele estava diretamente envolvido. Alguns indivíduos que lideraram o movimento contra Paulo (2:5) foram descritos como “o que fez o mal” e o apóstolo era “o que sofreu o agravo”. A carta severa não fora escrita com o propósito de despejar a ira de Paulo contra aquele homem ou buscar justificativa pessoal. Por que, então, Paulo a escrevera? Ele se reconhecia como um elo entre a igreja coríntia e Deus. Sendo apóstolo, ele portava uma mensagem da qual eles necessitavam. Após tecer esses comentários sobre assuntos do passado, Paulo nada mais disse sobre a carta “escrita em lágrimas”.

Versículo 13. A RA, assim como a maioria das versões da Bíblia, traduz a primeira frase de 7:13 – **Foi por isso que nos sentimos confortados** – seguida de um ponto final; enquanto a RC a coloca no mesmo período gramatical da frase seguinte. A dificuldade dos tradutores com a pontuação e quebra de parágrafos em 2 Coríntios está interligada à questão da unidade da carta.

Certas observações anteriores na carta demonstram que o apóstolo estava sob considerável estresse nesse período de sua vida. Em 2 Coríntios, mais do que em qualquer outro registro, o raciocínio do apóstolo fez várias digressões. As palavras de Paulo em 7:13a, independentemente da pontuação, refletem o **conforto** que ele experimentou ao ouvir o relato de Tito sobre a maneira como os coríntios receberam sua carta “escrita em lágrimas”. Paulo usou o verbo grego no perfeito (*παράκεκλήμεθα*, *parakeklēmetha*, “confortados”) para comunicar o que sucedera durante o ministério de Tito, alterando seu estado de espírito para com os coríntios: ele se sentia “confortado”.

Após a triste visita de Paulo, Tito provavelmente recebeu a tarefa de levar à igreja em Corinto a carta escrita em lágrimas. O mensageiro de Paulo deve ter ficado apreensivo com essa situação. A triste visita de Paulo causara grande tensão em seu relacionamento com a igreja. Tito não sabia se a igreja o receberia como um enviado do apóstolo, ou se acataria às instruções da carta que ele portava. Paulo deve ter tranquilizado seu amigo ao enviá-lo até aquela congregação. Sabendo que os cristãos coríntios eram pessoas boas, ele estava

confiante de que Tito encontraria acolhida em seus corações e vidas.

Os acontecimentos ocorridos em Corinto eram responsáveis por apenas parte das pressões sobre Paulo. Fatos inesperados aconteceram desde a partida de Tito da costa de Éfeso. Até se reencontrar com Tito na Macedônia, o apóstolo muito se preocupou com a possibilidade de a situação instalada em Corinto se agravar. Paulo escolheu o homem certo para levar sua carta. Além de alívio e paz de espírito, ele **muito mais** se alegrou **pelo contentamento de Tito**. Empregando o tempo perfeito uma segunda vez, Paulo escreveu que o **espírito** de Tito **foi recreado** [*ἀναπέπνυται*, *anapepautai*] **por todos vós**. Paulo foi “confortado”; Tito ficou “recreado”. A igreja em Corinto continuou a passar por provações, mas parecia estar se recuperando.

Versículo 14. Ao enviar Tito a Corinto, Paulo “se gloriou” da sinceridade, da fé e do amor que aqueles cristãos tinham por ele (7:14). Pela terceira vez nesta passagem, o apóstolo se expressou com o tempo perfeito (*κεκαύχημαι*, *kekauchēmai*, “me gloriei”). O sentido da declaração do apóstolo é: “Falei bem de vocês e estou decidido a falar bem de vocês”. O verbo traduzido por “gloriar-se”, *καυχάομαι* (*kauchaomai*), não é necessariamente ter um espírito orgulhoso. Paulo tinha grande estima pela igreja coríntia e não hesitou em compartilhá-la com Tito. Além disso, sua confiança não foi em vão. Ele disse: **Porque, se nalguma coisa me gloriei de vós para com ele, não fiquei envergonhado**. Parece que Paulo estava dizendo: “Vocês legitimaram o ato de me gloriar de vocês ao meu amigo”.

O apóstolo tinha uma alta consideração pela igreja em Corinto e não estava sendo excessivamente otimista. Ele havia sido franco com Tito a respeito dos obstáculos que o companheiro poderia encontrar; mas também havia elogiado os irmãos, preferindo pecar pelo excesso de generosidade. Ele, **em tudo**, falou **com verdade**. Tito, sem dúvida, partiu para Corinto com certo receio. Paulo deu-lhe a garantia necessária de que os irmãos coríntios eram pessoas sinceras. Além disso, Paulo já havia informado aos coríntios que Tito era uma excelente pessoa. E Tito veio a confirmar a veracidade das palavras de Paulo: **também a nossa exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira**. Sem dúvida, Paulo aproveitou a oportunidade para elogiar os irmãos, mas ninguém deve pensar que ele estava sendo manipulador ao pro-

ferir esses elogios.

O próprio apóstolo deu exemplo à igreja de como se apresentar de maneira favorável. Aos cristãos de hoje, Paulo diria: “Primeiro, seja o tipo de igreja que você deseja que o mundo incrédulo perceba que você é”. Palavras de ânimo cumprem seu propósito quando partem de um coração sincero. Sempre que tivermos elogios sinceros, devemos expressá-los livremente. Os cristãos devem procurar uns nos outros coisas boas. Elas edificam o corpo. Exaltar falsamente algo que todos sabem que não é digno de louvor é destrutivo ao amor fraternal e à piedade.

Versículo 15. Paulo reforçou aos coríntios que ele não era o único que tinha em mente o bem-estar espiritual deles. Tito também passou a amá-los e estimá-los. Paulo escreveu o seguinte sobre seu amigo Tito: **E o seu entranhável afeto cresce mais e mais para convosco, lembrando-se da obediência de todos vós, de como o recebestes.** O apóstolo ouviu atentamente Tito relatar os fatos ocorridos em Corinto e percebeu a proximidade que o colega desenvolveu por eles enquanto ali trabalhou. Particularmente, Tito ressaltou a obediência da igreja às instruções de Paulo na carta “escrita em lágrimas”. Deus fora glorificado por causa da crescente estima dos coríntios pelo mensageiro Tito.

Temor e tremor descrevem a maneira como a igreja coríntia recebeu Tito, e não o comportamento de Tito ao apresentar a carta à igreja. A expressão parece mais severa do que julgaríamos necessário. Por que a igreja em Corinto teria recebido um enviado do amado mestre e irmão Paulo com “temor e tremor”? Provavelmente, essas palavras são uma expressão típica do Antigo Testamento, à qual não devemos atribuir um significado literal. A expressão sugere um sentimento de reverência e respeito diante da perspectiva de um Deus que cumpre os Seus propósitos e interpela Seus inimigos. Moisés e Israel, por exemplo, cantaram sobre o “temor e tremor” que sobreveio aos habitantes de Canaã quando perceberam que Deus estava entregando Canaã nas mãos de Seu povo (Êxodo 15:16). Mais tarde, Deus disse a Israel que Ele traria “o terror e o medo de ti aos povos” (Deuteronômio 2:25). Da mesma forma, a carta de Paulo aos irmãos coríntios reforçou a certeza de que eles seriam julgados por Deus.

Versículo 16. Havia sérios problemas espirituais na igreja em Corinto. Embora aqueles cristãos haviam desconsiderado o ensinamento divino em

várias ocasiões, Paulo confiava que eles cresceriam na graça de Deus. Ele jamais desistiu deles. Pouco proveito há quando um pregador do evangelho encontra bondade nas pessoas, mas não diz nada sobre isso aos outros. Os cristãos coríntios, sem dúvida, precisavam ouvir o apóstolo dizer: **Alegro-me porque, em tudo, posso confiar em vós.** Paulo acreditava que os irmãos provariam sua sinceridade e compromisso com Deus. Ele não expressou que confiava na igreja em Corinto por mera formalidade; o apóstolo queria que eles soubessem que ele confiava neles.

DESTAQUES

Confiar e Gloriar-se (7:4, 14–16)

Em 7:4, Paulo escreveu a respeito de sua afeição pelos cristãos coríntios referindo-se à “confiança” (παρρησία, *parrēsia*) que ele tinha neles. O “gloriar-se” (*kauchēsis*) dos irmãos refletia essa confiança. A palavra traduzida por “confiar” (*parrēsia*) é bastante comum no Novo Testamento, ocorrendo trinta e uma vezes. João usou *parrēsia* com mais frequência do que qualquer outro autor: nove vezes em seu Evangelho e quatro vezes em sua primeira epístola. Ele usou esse vocábulo com frequência em declarações francas e despretensiosas sobre Jesus feitas por adversários ou amigos (João 7:13; 10:24). Ocasionalmente, ele usou *parrēsia* para descrever a maneira como o próprio Jesus falou (João 11:14; 16:25).

O autor de Hebreus usou *parrēsia* quatro vezes, sendo 4:16 a ocorrência, talvez, mais conhecida: “Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça”. Paulo usou *parrēsia* sete vezes, duas em 2 Coríntios (traduzida em 3:12 por “ousadia”, e em 7:4 por “franqueza”). Certo léxico assim define a palavra, conforme usada em 7:4: “estado de ousadia e confiança”. Ele cita “coragem” e “destemor” como palavras com significados semelhantes¹³.

A confiança de Paulo nos cristãos de Corinto era o motivo de seu “gloriar-se” deles. Ele retomou o tema da confiança nos irmãos em 7:16, escolhendo outra palavra, uma forma do verbo θαρρέω (*tharreo*), “posso confiar”. Assim como o substantivo *parrēsia*, *tharreo* sugere certeza sobre

¹³ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 781.

uma questão. O apóstolo não tinha dúvidas sobre o afeto e a estima que os coríntios tinham por ele. Os sentimentos eram mútuos. “Posso confiar em vós”, escreveu ele. *Tharreo* ocorre com esta grafia apenas seis vezes no Novo Testamento; cinco dos seis estão em 2 Coríntios, onde são traduzidos “coragem” (5:6, 8), “confiança” (7:16) e “ousado” (10:1, 2). A mesma palavra aparece com a grafia variante *tharseō* (*tharseō*) nos Evangelhos Sinóticos, sempre usada no modo imperativo com o significado de “coragem”. (Veja, por exemplo, Mateus 9:2, 22; Marcos 10:49.)

Todos que estão familiarizados com as demais cartas paulinas não estranham o fato de o apóstolo expressar confiança nos cristãos de Corinto. Isto é, não parece estranho até que se analise todas as razões pelas quais Paulo, tempos atrás, teria perdido a confiança neles. Na primeira carta aos coríntios, Paulo escreveu sobre a época em que Apolo apareceu em Corinto e se apresentou à igreja. Alguns rapidamente tornaram-se fãs desse pregador. Surgiram facções na igreja; um segmento virou as costas para Paulo, julgando que Apolo era o tipo de líder necessário ali (1 Coríntios 1:12; 3:5–7).

Posteriormente, seguidores de Cristo da Judeia, dizendo-se apóstolos de Cristo, encontraram adeptos na igreja de Corinto (2 Coríntios 2:17; 3:1–3, 14). Paulo tinha feito uma viagem rápida de Éfeso a Corinto, na esperança de poupar a igreja de desvios doutrinários e brigas internas (2:1). Assim que chegou a Corinto, um irmão rebelde liderou uma oposição ao apóstolo. Esse assunto foi constrangedor para o apóstolo (2:6, 7; 7:11, 12). A confiança na igreja foi posta à prova; mas, em vez de dar as costas aos irmãos, Paulo disse a Tito que se gloriava deles. No que dependesse de Paulo, a sua “exaltação na presença de Tito se verificou ser verdadeira” (7:14).

O envolvimento contínuo do apóstolo com a igreja coríntia ilustra os esforços necessários para se estabelecer uma congregação da igreja do Senhor. Em Corinto, assim como em qualquer outra cidade, a obra de Paulo foi muito além de batizar pessoas em Cristo para a remissão de seus pecados. Depois de convencer os coríntios de que Jesus de Nazaré era a manifestação de Deus, o apóstolo realizou entre eles muitas outras coisas. Ele teve que ensiná-los que a lei mosaica se cumpriu na morte de Jesus na cruz e que Deus ressuscitou

Jesus Cristo dos mortos. Depois disso, o apóstolo começou a construir uma comunidade de crentes que se amavam e funcionavam como uma igreja. E esse trabalho de edificar a comunidade cristã ora parecia dar certo, ora parecia dar errado.

Em mais de uma ocasião, o trabalho do apóstolo em Corinto sofreu a ameaça de ser inutilizado. Sem dúvida, a igreja teria se dissolvido e seus membros teriam retornado ao paganismo, se Paulo tivesse abandonado suas conquistas; mas o apóstolo não desistiu deles. Ele se opôs a todos e tudo que poderia desviar a igreja das doutrinas de Cristo por ele transmitidas. Havia na congregação de Cristo em Corinto alguns membros que viviam pecando deliberadamente. Os pontos fracos da igreja eram evidentes para Paulo, mas ele achou consolação nas almas que conseguiu levar à reconciliação com Deus.

Apesar das fraquezas da congregação, o apóstolo estava confiante de que o ensino e a condução persistentes formariam uma igreja forte naquela cidade. Ele continuou a trabalhar. Tal como muitos missionários que, ao longo dos séculos, continuaram a trabalhar mesmo em face de adversidades impossíveis, Paulo trabalhou arduamente para formar um corpo de crentes na cidade. Ele teve de focar os pontos fortes da comunidade, para guiá-los a viver como povo de Cristo. Tendo em perspectiva essas boas qualidades, ele não hesitou em se gloriar deles.

Na era moderna em que vivemos, alguns cristãos defendem que os líderes da igreja devem rotular claramente o pecado e erradicar os membros que se desviam do chamado cristão. As duas epístolas aos coríntios oferecem sólidas evidências de que Paulo não teve medo de enfrentar as dificuldades com ousadia e franqueza, sempre que necessário. Todavia, o apóstolo dos gentios preferia aparar as arestas sempre que possível. A palavra “reconciliação” destaca-se no fim do capítulo 5, mas a obra de reconciliação se evidencia no capítulo 7 de 2 Coríntios. Mais importante do que a confiança que o apóstolo tinha nos cristãos de Corinto era a sua disposição para se gloriar deles. A exaltação não visava a sua própria glória. Paulo falou bem dos coríntios a fim de estabelecer metas elevadas para aqueles irmãos. Ele esperava fé e arrependimento da parte deles, e eles corresponderam às suas expectativas.